

RESSONÂNCIAS DO EVOLUCIONISMO CULTURAL NA SALA DE AULA

Resumo: A antropologia britânica praticada no século XIX influenciou em ampla escala a instituição da cultura como um conceito passível de tratamento científico. Em que pesem mudanças de percepção sobre o tema dentro da antropologia ao longo do século XX e no início deste século XXI, a noção de cultura defendida pelo evolucionismo cultural britânico ainda circula no Brasil. Pretendo descrever uma experiência em sala de aula a título de situar ‘ressonâncias do evolucionismo cultural’ na formação de professores. Problematizo dos ‘efeitos de padronização conceitual eurocêntrica’ do pensamento como um desafio a ser encarado pela formação de professores, sobretudo no que diz respeito à compreensão do multiculturalismo como princípio de formação.

Palavras Chaves: evolucionismo cultural, multiculturalismo e formação de professores

Introdução

A relação entre educar e pesquisar pode enriquecer as práticas de ensino no âmbito das ciências humanas, sobretudo se favorecem ao questionamento das formas hegemônicas de conhecimento que determinam socialmente certas visões de mundo vigentes nos espaços escolares. A circulação de certos conceitos através do ensino escolar favorece ao prevailecimento de práticas que, na maioria das vezes, contribuem para distorções do conhecimento nos mais diferentes contextos sociais. A pesquisa

social supõe o questionamento permanente de teorias e métodos através do qual o conhecimento científico se expande, sobretudo dentro das comunidades de pesquisadores. O trabalho educacional, por sua vez coloca em circulação os saberes historicamente produzidos nos mais diversos campos da ciência a propósito da qualificação das práticas sociais vigentes no mundo contemporâneo, sobretudo no mundo ocidental. Pesquisar e educar, intrinsecamente articulados, supõem tomadas de posicionamentos nos processos de produção social do conhecimento que podem transformar as relações de poder que atravessam a formação de professores.

A inscrição do debate sobre o multiculturalismo na educação tem destacado a importância de problematizações sobre os usos da diversidade cultural como um dispositivo de homogeneização das identidades e das diferenças, conceitos caros ao debate sobre a cultura na modernidade. Alguns autores chamam atenção para o fato de que a predeterminação da diversidade cultural como um conjunto de diferenças previamente fixadas, conduz à homogeneização das visões do outro, a partir de representações sociais que enquadram as identidades e as diferenças nos discursos disciplinares das ciências modernas. (SILVA, 2000), (MCLAREN, 2000), (HALL, 2001), (CANDAU, MOREIRA, 2011) No que diz respeito à formação de professores tais discursos predominam, criando padrões discursivos em que os conceitos que orientam suas práticas são sobredeterminados por padrões eurocêntricos de ver e dizer sobre os outros, os diferentes. Questionar tais padrões e, ao mesmo tempo, desenvolver abordagens teóricas que busquem compreender como são produzidos tais discursos é uma das exigências para a compreensão do multiculturalismo como uma produção social presente nos cotidianos educacionais, conforme nos lembra Tomaz Tadeu da Silva (2000)

É nesta perspectiva que apresento a análise de uma experiência em que o conceito de cultura presente entre alunos de uma Instituição de Ensino

Superior, tornou-se gerador de uma perplexidade e, ao mesmo tempo, uma experiência pedagógica de geração de outras formas de pensar a cultura e sua relevância social na formação de professores.

Após a realização de uma atividade em sala de aula em que solicitei às estudantes e aos estudantes que apresentassem seus conceitos de cultura, deparei-me com um quadro ‘quase’ homogêneo de reproduções do conceito clássico de cultura de Edward B. Tylor, importante antropólogo inglês do século XIX. O resultado do trabalho ofereceu as bases para compreender a influência do pensamento inglês na generalização de uma determinada forma de ‘ver e compreender’ a cultura. A partir desta constatação percebi a necessidade de retomar com o grupo de estudantes as reflexões propostas em sala de aula e reconhecer as implicações desta ‘visão’ generalizada e generalizadora da cultura como desafio de formação.

Quais as origens dessas ressonâncias do evolucionismo cultural em sala de aula? É possível partir destas ressonâncias para criar outras compreensões acerca da importância da cultura nos processos de formação de professores e formação humana (no sentido mais amplo)? Como encarar a sala de aula enquanto um espaço multicultural que em suas dinâmicas questiona a unicidade da cultura, mas em alguma medida, também conserva formas de homogeneização da cultura?

Tais questões são tratadas de forma introdutória neste artigo. Inicialmente tento apresentar o papel do evolucionismo cultural na ‘institucionalização’ e difusão ampliada do conceito de cultura. Em seguida descrevo e interpreto as atividades que geraram as perplexidades com as quais me ocupo ao longo do texto. A caminho de novas problematizações evoco os desafios do multiculturalismo como pressuposto de novas compreensões da cultura, do humano e da educação na contemporaneidade.

O evolucionismo e a institucionalização da cultura

O evolucionismo cultural é considerado precursor do pensamento antropológico moderno. Segundo Claude Rivière (2008), a base dos seus pressupostos científicos constitui-se a partir da crença amplamente difundida entre os séculos XVII e XVIII na unidade psíquica do humano e no progresso das civilizações.

Os desenvolvimentos das teorias advindas destas inspirações possibilitaram a construção dos campos temáticos a partir dos quais a antropologia e a etnologia desenvolveram suas bases científicas para o estudo do humano e da cultura. Nas suas reflexões sobre o desenvolvimento teórico de cunho acadêmico da antropologia social, Evans-Prichard (2011) destaca a importância dos trabalhos de John Ferguson McLennan e Edward Tylor na Inglaterra e Lewis H. Morgan nos Estados Unidos. A partir de obras tais como: *Primitive Marriage* (1865) de McLennan; *Primitive Culture* (1871) de Tylor; e *Systems of Consanguinity and Affinity of de Human Family* (1871) de Morgan, a antropologia dá os seus primeiros passos na conquista dos estatutos científicos para o conhecimento disciplinar da sociedade e da cultura.

A abordagem científica da cultura adotada pelos cânones do evolucionismo cultural produziu a adoção de novos procedimentos de apreensão dos fenômenos humanos, a partir da definição do conceito de cultura. Os trabalhos desenvolvidos por Tylor ocupam lugares emblemáticos neste cenário, sobretudo quando este autor considera a cultura como um conjunto de crenças, costumes e tradições de um povo, constitutivos de uma ordem de fenômenos que podem ser compreendidos a partir do "...curso geral das artes, dos conhecimentos e das instituições...". (TYLOR, 1973, p.15) Além

de introduzir na abordagem científica da cultura a preocupação em situar o conjunto de leis que orientam o humano na edificação das artes, do conhecimento e das instituições sociais, o pensador inglês abriu caminho para a institucionalização do pensamento antropológico no âmbito acadêmico.

O antropólogo brasileiro Roberto DaMatta (2000) considera que as contribuições de Edward Tylor inscreveram o pressuposto de universalidade das leis sociais na definição da cultura e destaca como ideias subjacentes ao evolucionismo cultural: a) que as sociedades em geral deveriam ser comparadas entre si por meio dos seus costumes; b) que os costumes possuem uma substância e um fim; c) que a evolução das sociedades é linear; d) que as diferenças entre as culturas podem ser enquadradas a partir da redução espacial entre elas. Os principais efeitos destas ideias produziram teorias e ideologias subjacentes às distinções teóricas entre civilizações. Para chegar a tais conclusões, os primeiros evolucionistas colecionavam exemplos de outros povos e outras culturas a partir dos relatos escritos e objetos recolhidos por viajantes que participavam das expansões coloniais da Europa sobre o mundo. Havia uma dupla distância nas suas abordagens das diferenças culturais entre europeus e não-europeus, sobretudo no caso de Tylor, que para realizar o seu trabalho interpretou coleções de textos, imagens e objetos ‘garimpados’ pelos europeus e dispostos em coleções dos acervos museais da Inglaterra do seu tempo. A segunda distância estabeleceu a distinção ideológica entre os europeus e os não-europeus, à medida que o raciocínio etnológico do evolucionismo cultural, através de suas classificações e representações das outras culturas, evocava afirmações tais como: “...a vida humana pode classificar-se toscamente em três grandes estados, selvagem, bárbaro e civilizado, que podem definir-se como tipos...”. (TYLOR, 1973, p.28) As narrativas sobre o outro, nos textos de base do evolucionismo cultural, coisificavam a cultura e produziram tipologias antropológicas de distinção entre

civilizações que recorriam à justificativa da superioridade racial das populações brancas e européias.

Além de colocar em marcha a apropriação das outras culturas (não-europeias) como objeto de estudo da antropologia, o evolucionismo cultural difundiu um conceito passível de objetificação e reificação material da cultura como um ‘conjunto de coisas’. A principal consequência de tal definição foi a massificação do etnocentrismo europeu à maneira britânica, que subjaz no pensamento de Tylor e dos seus seguidores, e penetra ainda nos dias de hoje, à medida que a Cultura se traduz como ‘um conjunto de tradições, crenças e costumes’ em diferentes espaços da vida em sociedade.

Considero que um dos principais efeitos desta abordagem da cultura recorre a uma padronização de entendimentos que ressoa em diferentes dimensões da vida social, em que pesem problematizações realizadas pela antropologia do século XX e as mudanças decorrentes dos trabalhos e do debate antropológico na contemporaneidade.

Os efeitos da escolarização do conceito evolucionista de cultura no Brasil

No primeiro semestre letivo do ano de 2010 realizei atividades em torno da pergunta sobre ‘o que é cultura?’ com as estudantes e os estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Graças à presença de um sociólogo que fazia o seu mestrado na área de educação e compartilhava as aulas comigo, consegui observar mais de perto o desenvolvimento das atividades por parte dos alunos.

Ao longo das atividades em sala de aula eu observava e anotava as produções das estudantes e dos estudantes. Após os encontros em sala de

aula eu organizava sob a forma de diário os relatos das experiências propostas e realizadas.

A atividade em questão foi realizada no dia 07 de abril de 2011. Propus às estudantes e aos estudantes que se reunissem em grupos de até 05 pessoas e que debatessem seus conceitos de cultura com base nas aulas e no livro que estavam lendo. Após a discussão as estudantes e os estudantes deveriam apresentar de forma oral e escrita suas posições com relação ao tema proposto. Para contribuir com o trabalho que os grupos deveriam desenvolver foram colocadas orientações que destacavam: a) a definição do conceito de cultura como fio condutor do trabalho; b) as contribuições teóricas que já haviam sido trabalhadas em sala de aula; c) o recurso dos conhecimentos já existentes a respeito do tema no âmbito das experiências dos seus participantes; d) a organização de sínteses para a sistematização dos resultados das discussões.

Reunidos em seus grupos os estudantes trabalharam intensamente na produção dos seus textos finais. Ao final do tempo estabelecido para o desenvolvimento das atividades, os textos foram apresentados oralmente em sala de aula. Ao longo deste processo fizemos várias discussões e foi possível constatar que todos os grupos recorreram ao conceito de cultura presente no evolucionismo cultural para definir suas respostas, conforme o exposto no quadro abaixo.

Quadro Geral

Conhecimento preexistente do conceito de cultura

O que é cultura?				
Grupo I	Grupo II	Grupo III	Grupo IV	Grupo V
Cultura é um conjunto de crenças,	Cultura é a expressão dos hábitos,	Um conjunto de símbolos, tradições,	Conjunto de valores, costumes,	Cultura é todo conjunto de costumes e

valores e costumes de um povo, usados no dia-a-dia, mesmo que de forma inconsciente. É um sistema de representações simbólicas de uma comunidade. Pode ser representada por mecanismos como língua, religião, produções artísticas (como dança, música, artesanato...) e culinária.	crenças, costumes, organização estrutural e espacial (entre outros elementos) de um povo. Os membros da sociedade adquirem a cultura de seu povo podendo modificá-la, sofrendo assim alterações ao longo do tempo.	costumes e crenças de determinado povo. No entanto não é acessível de forma completa a todos, pois fatores como estratificação social, localização geográfica, entre outros, limita a participação do indivíduo em determinada cultura.	e símbolos, crenças, tradições, etc...Que variam de acordo com a sociedade em que estão inseridos tendo como influências o meio e os contextos histórico e social nos quais estão inseridos.	saberes de uma comunidade que é repassado para as gerações. A cultura é mutável, ou seja, ela se modifica de acordo com o tempo. Cultura é algo que varia de acordo com a sociedade e a geração, cada povo tem a sua idéia de cultura.
---	--	---	--	--

Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Como se pode constatar, o enunciado de apresentação do conceito geral de cultura parte do pressuposto de que se trata de um conjunto de tradições, crenças e costumes de um povo. Embora os grupos acrescentem noções tais como 'sistemas de representações simbólicas' (Grupo I) ou 'a cultura é mutável' (Grupo V), a base geral de suas compreensões é a generalizada e generalizadora representação evolucionista do 'conjunto'. Antes de realizar a atividade, as estudantes e os estudantes já dispunham de análises críticas sobre o evolucionismo, mas, ainda assim, ao definirem em grupo seus conceitos de cultura, recorreram às suas memórias escolares.

Os livros didáticos introduziram no campo dos estudos sociais visões altamente padronizadas e folclorizadas da cultura. Vários estudos têm

mostrado, por exemplo, que a visão do indígena e do negro traduzidas pelos manuais didáticos no Brasil difunde representações distorcidas e eurocêntricas das diferentes culturas que compõem a formação do povo Brasileiro. Um estudo publicado na década de 80 do século passado, por exemplo, mostra a homogeneização das representações sociais do indígena nos livros didáticos. (ROCHA,1984) A imagem do indígena está sempre associada a instrumentos tais como o arco, a flecha e o cesto utilizado para colheitas. As diferenças culturais entre as diversas etnias que compõem os cenários e as dinâmicas de vida dos diversos povos indígenas brasileiros desaparecem nos livros didáticos.

Com relação às representações acerca da criança prevalece o olhar adultocêntrico e inferiorizante das culturas infantis conforme apontam os trabalhos de Clarice Cohn (2008). Nos seus estudos sobre Linguagens Escolares e Reprodução do Preconceito, Sousa (2005), mostra que através dos discursos e práticas de escolarização migram representações aparentemente 'ingênuas' de definições totalizadoras da cultura e da sociedade que fixam e mantém antigos preconceitos na história recente de formação das mentalidades no Brasil. Tais estudos contribuem para a compreensão de que as padronizações do conceito de cultura que atravessam discursos e práticas escolares persistem na conformação de um senso comum em que predomina uma visão monocultural e hegemônica da cultura. Para romper com esta visão é imprescindível que o trabalho de formação de professores leve em conta um duplo reconhecimento.

É fundamental que a sala de aula seja espaço de um reconhecimento provocador de emergência dos conceitos predominantes sobre a cultura, para identificar os traços das tradições hegemônicas de fixação dos diferentes 'padrões' culturais que distinguem de forma mecânica e ideologicamente

comprometidas com a hierarquização e objetificação do conhecimento e da própria cultura.

É imprescindível ainda que sejam reconhecidas as possibilidades de transformação das visões estabelecidas nos processos de padronização da cultura e do conhecimento, para a efetiva superação dos limites e das distorções que lhes são imanentes. A prevalência de um único conceito de cultura resulta na propagação de inúmeros preconceitos, quando compreendemos que nem ‘a cultura dos ingleses’, tampouco ‘a cultura dos brasileiros’, podem ser fixadas monoliticamente para garantir uma visão mais segura do humano e das humanidades, porquê supostamente, mais eficiente do ponto de vista científico. A eclosão dos movimentos em defesa dos pertencimentos identitários e do reconhecimento das multiplicidades culturais em escala planetária, produzem novas buscas para educadores e educadoras implicados no trabalho de mudança das concepções vigentes que operam distorções e práticas de preconceito através da reprodução de velhos modelos de sociedade e conhecimento.

A educação e os desafios na compreensão crítica do multiculturalismo

A diversidade cultural é inapreensível de um ponto de vista exclusivamente científico. Identificá-la como conjunto de diferenças que compõe tradições e identidades de diversos povos, em diferentes escalas, é reduzi-la aos seus aspectos materiais e, portanto, obstruir dinâmicas que ultrapassam o próprio fazer científico e que se apresentam em outras esferas dos saberes e fazeres humanos. Ao longo da sua curta existência como ciência a antropologia confronta-se na contemporaneidade com a ‘complexidade’ e ‘diferenciação’ do conceito de cultura.

No debate educacional as críticas de Peter McLaren aos discursos sobre o multiculturalismo chamam a atenção para as tentativas renovadas de tolerância ou reformismo ao que podemos identificar como fixações das diferenças nos quadros hegemônicos da diversidade cultural que instituem o multiculturalismo conservador, o multiculturalismo humanista liberal e o multiculturalismo liberal de esquerda. O autor propõe uma concepção de multiculturalismo crítico e de resistência:

...A perspectiva que estou chamando de multiculturalismo crítico compreende a representação de raça, classe e gênero como o resultado de lutas sociais mais amplas sobre os signos e significações e, neste sentido, enfatiza não apenas o jogo textual e o deslocamento metafórico como forma de resistência (como no caso do multiculturalismo liberal de esquerda), mas enfatiza a tarefa central de transformar as relações sociais, culturais e institucionais nas quais os significados são gerados... (MACLAREN, 2000, p. 123)

Nesta perspectiva, a compreensão crítica das padronizações institucionais do conceito de cultura subjacentes à formação de professores é um desafio dos mais relevantes para a produção de outras formas de resistência às hegemonias epistemológicas que ainda orientam as concepções eurocêntricas sobre identidades e diferenças.

Do ponto de vista da antropologia, o debate sobre a diversidade cultural produziu formas muito distintas de concebê-la como fenômeno social e fenômeno científico, o que indica que mesmo no âmbito das comunidades produtoras de conhecimento sobre a cultura a impossibilidade da unificação e homogenização de entendimentos.

Em decorrência das contribuições do evolucionismo cultural, outras abordagens do conceito de cultura produziram diferentes escolas de pensamento antropológico a exemplo do 'difusionismo', do 'funcionalismo', do

‘estruturalismo’, do ‘personalismo cultural’, todas estas linhagens de pensamento com marcas das tradições inglesa, francesa e americana conforme nos indica Roberto Cardoso de Oliveira (2000). No que diz respeito à antropologia brasileira temos ainda as proposições do perspectivismo cultural conforme proposições de Eduardo Viveiros de Castro (2002). Para a antropologia isto significa o reconhecimento dos limites e das possibilidades da escrita antropológica como ferramenta de representação das culturas observadas e das carreiras empreendidas pelos antropólogos como etnógrafos (MARCUS, 1986).

Para os educadores o reconhecimento do multiculturalismo como princípio de formação dá um passo além na busca de um conceito que lastreie as suas ações. Trata-se de incorporar a diversidade cultural como um elemento passível de questionamento científico e de mobilização de novas práticas de conversação com outros saberes e fazeres humanos no campo das suas atuações pedagógicas. Em lugar de protagonizar conhecimentos sobre a diversidade, o desafio da educação na contemporaneidade é o diálogo profundo com a multiplicidade dos saberes e práticas legitimadas pelas lutas sociais emergentes da produção social da diferenças.

Tal perspectiva vê-se anunciada nos trabalhos desenvolvidos por Boaventura de Sousa Santos (2006) quando este autor nos propõe a produção de novos sentidos comuns a partir da ciência e da filosofia na interação com outras formas do conhecimento, para a experimentação vital de uma ecologia dos saberes como celebração da diversidade epistemológica e societal do mundo contemporâneo. As reflexões deste autor sobre multiculturalismo e direitos humanos nos apresentam algumas importantes premissas de compreensão da cultura em sua complexidade.

Para Boaventura de Sousa Santos (2004) existem cinco premissas básicas para assumir a cultura de uma perspectiva que considere a diversidade

cultural não como algo que é, mas como uma condição através da qual as diferenças e as igualdades agem na construção das formas de dignidade humana na vida em sociedade. Tais premissas consideram que as concepções de cultura: a) devem superar as ambições antropológicas do universalismo e do relativismo, para por em curso traduções interculturais em que cada grupo busca reciprocidade no diálogo e a emancipação dos seus saberes e fazeres em escalas globais e locais; b) todas as culturas produzem conceitos e práticas acerca da definição do humano, mas nem todas o fazem da mesma forma; c) todas as culturas são incompletas e problemáticas nas definições de seus discursos e práticas; d) as culturas produzem diferentes versões amplas e restritas sobre o humano; e) todas as culturas possuem diferentes dispositivos de organização social segundo diferentes regras e igualdade e diferenças entre os indivíduos. Nesta perspectiva podemos cotejar a natureza dinâmica, polissêmica e polifônica da cultura como desafio para novas incursões sobre a sua importância na formação de educadores e educadoras na contemporaneidade.

A sala de aula é um espaço de diversidades em ação nas relações que os indivíduos estabelecem uns com os outros. As diferenças sociais, etárias, de gênero, de raça e etnia, de preferências sexuais e religiosas produzem processos de identificações que extrapolam a visão fixa da homogeneidade; ou das heterogeneidades consentidas pelos discursos hegemônicos, que capturam a diversidade para a apropriação 'cosmética' do respeito às diferenças como estratégia 'contábil' que reduz a igualdade à conformação com aquilo que silencia os conflitos mediante a manutenção das ordens hegemônicas.

À sua maneira, o evolucionismo cultural procurou produzir uma visão de mundo que justificasse a hegemonia cultural da Europa branca aos povos europeus e não-europeus portadores de outras identidades culturais. Ao fazer

o seu balanço sobre o surgimento das diferentes 'raças' humanas no planeta, Edward Tylor lança a sua desconfiança 'epistemológica' de que a raça branca, por ser a última a surgir nas regiões temperadas, tornou-se menos apta ao calor extremado dos trópicos, mas surgiu "...dotada das faculdades de elevar-se ao conhecimento científico e a governar, faculdades que colocou em suas mãos o cetro do mundo...". (TYLOR, 1976, p.126) Tal suspeição, ao longo das lições de antropologia daquele que é considerado o 'pai' do conceito de cultura moderno, não nos deixa dúvidas quanto à exigência de compreensão e mudança dos conceitos com os quais a escola ainda produz ciência e formas de governo pautadas por influências que; inferiorizam uns para a preservação da superioridade de outros. Romper padrões conceituais de conformação ao conceito de cultura implica em renunciar a uma única versão do humano em suas diferenças e na sua diversidade, para reconhecê-lo como um ser pleno de possibilidades em suas próprias limitações. O exemplo do evolucionismo cultural nos mostra que o avanço da antropologia se fez e se faz a partir dos limites que esta forma de conhecimento impõe à sua disciplina. Penso que no caso da educação o desafio é o mesmo, abrir o conhecimento para alterar as uniformizações da disciplina e assim, seguir rumo a novas compreensões das culturas como horizontes possíveis de novas descobertas.

Conclusões

As contribuições do evolucionismo cultural de origem inglesa para a definição do conceito de cultura repercutiram diferenciadamente dentro e fora da antropologia. À medida que a institucionalização da cultura produz diferentes abordagens no âmbito das antropologias posteriores ao século XIX; os efeitos desta institucionalização nos recursos didáticos e no imaginário

pedagógico brasileiro mantém a visão da cultura como ‘acervo’, ‘conjunto de elementos’ ou ainda ‘produto de tradições’ que preservam os ecos do evolucionismo ‘vitoriano’ da Inglaterra.

Suspeito que há muitos vestígios que devem ser explorados na busca de compreensão destas ‘ressonâncias’. Destaquei a influência do evolucionismo cultural como pressuposto de uma vinculação entre ciência e ideologia. Apresentei dados empíricos em que busco produzir visibilidade para a permanência da padronização conceitual da cultura no interior das linguagens escolares. Indiquei o multiculturalismo como princípio de transformação do conhecimento e das práticas de conhecimento na educação; a propósito do reconhecimento do trabalho educativo e da compreensão da cultura como possibilidade de rupturas com os saberes hegemônicos que cristalizam formas de legitimação das inferioridades e superioridades culturais entre os humanos.

É importante destacar que a formação de educadores na contemporaneidade exige maior aprofundamento nas reflexões dos diferentes campos das ciências humanas, e que a antropologia pode oferecer elementos significativos para a produção de novas ferramentas e processos de ensino. Considerando que a educação pôs em curso a incrustação do conceito de cultura no senso comum do século XXI, é possível vislumbrar que é através da educação que a ciência, a filosofia e outras formas de saberes podem celebrar o senso comum em suas dinâmicas de aceleração e circulação ampliada do conhecimento para novas emancipações do humano na diversidade criadora em que se alimenta e se pronuncia como ser vivo.

Resumen: La antropología británica practicado en el siglo XIX ha influído ampliamente en la institución de la cultura como un concepto pasivo del tratamiento científico. Aún con los cambios de percepción habidos sobre el tema dentro de la antropología a lo largo del siglo XX e inicio de este siglo XXI, la noción de cultura defendida por el evolucionismo cultural británico todavía

circula en Brasil. Pretendo describir una experiencia en el aula como forma de encontrar “resonancias del evolucionismo cultural” en la formación de profesores. Problemático sobre los “efectos de padronización conceptual eurocéntrica” del pensamiento como un desafío que debe ser enfrentado por la formación de profesores, sobre todo en lo que se dice con respecto a la comprensión del multiculturalismo como principio de formación.

Palabras Clave: evolucionismo cultural, multiculturalismo y formación de profesores

Referência

CANDAU, Vera Maria & MOREIRA, Antônio Flávio. Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2011.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A Inconstância da Alma Selvagem**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

EVANS-PRITCHARD, Edward. **Antropologia Social**. Lisboa: Edições 70, 2011.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

MACLAREN, Peter. **Multiculturalismo Crítico**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

MARCUS, George E. **Afterword: Ethnographic Writing and Anthropological Careers**. In: *Writing Culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1986.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O Trabalho do Antropólogo**. São Paulo: Palalelo 15, UNESP, 2004.

RIVIÈRE, Claude. **Introdução à Antropologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

ROCHA, Everardo P. G. et alli. **Testemunha Ocular**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

_____. **Para uma Visão Multicultural dos Direitos Humanos**. In: Direitos Humanos na Sociedade Cosmopolita. Rio de Janeiro: Renovar, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu, (org). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUSA, Francisca Maria do Nascimento. **Linguagens Escolares e Reprodução do Preconceito**. In Educação Anti-Racista Caminhos Abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: SECAD/MEC, 2005

TYLOR, Edward B. **Antropologia**. Madrid: Editorial Ayuso, 1973.